

DISCURSO DE AGRADECIMENTO*

Amélia Domingues de CASTRO

Para agradecer-lhes, pensei que poderíamos compartilhar algumas reflexões, fruto de experiências e de sentimentos, lembranças que a memória recolheu e que a recordação - essa memória do coração - selecionou. O centro, o motivo, o objeto dessas reminiscências é a integração, na vida universitária paulista, dos estudos pedagógicos.

O que me autoriza a trazer esse testemunho? Primeiro o fato de que a Universidade de São Paulo, inaugurada em 1934, na verdade é mais nova do que eu, espectadora que fui de seu desenvolvimento e do lugar que veio a ocupar no plano nacional e internacional. Não há dúvida de que parte das Escolas e Faculdades que, na ocasião, foram reunidas para compô-la, tinha um longo passado, mas a única criada na oportunidade, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi justamente a que escolhi para ingresso. Autoriza-me também o fato de que até poucos anos atrás exerci a docência em Universidade, trinta e cinco anos na USP e quase quinze na UNICAMP. Pelo caminho vi surgir a UNESP, de cujos trabalhos tantas vezes participei.

Tivemos, os da minha geração, o privilégio de assistir à construção histórica do conjunto de Universidades Estaduais Paulistas, da mais antiga às mais recentes, numa significativa consolidação de projetos comuns. É imprescindível lembrar que o Prof. Zeferino Vaz, que cumpriu a sua missão de erigir uma nova Universidade, tinha sólidas raízes na USP. Preciso evocar ainda, o belo esforço coletivo que resultou na constituição da UNESP, com marcante

* Discurso proferido no dia 08.11.94, por ocasião da outorga do título de Professor Emérito à Autora, ex-professora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da USP.

participação de professores da USP. Hoje cada uma dessas instituições marca o seu perfil no ensino superior do país: mas que não se perca a idéia de que, na diversidade, constituem uma unidade.

Pois é. As árvores dos "campi" cresceram e dão sombra, os jovens alunos de ontem são os docentes, os pesquisadores, os administradores de hoje, aqueles que exercem a liderança, não só nas Universidades mas também em vários setores da comunidade nacional. São, igualmente, os que trabalham nos escalões básicos que mantêm vivas a ciência, a arte, a cultura e a educação do País. E aí está a nova geração - a geração dos meus netos - universitários e recém-formados de cuja consciência e liberdade tanto esperamos, desejando que possam criar seus modos de vida e dar sentido à existência, com plena autonomia e significação.

A Universidade tem missão muito ampla. Acaba, mais uma vez, de dar à Nação o seu Presidente, com a esperança de que realize seus mais caros valores. Mas também a provê de professores de todos os graus. Tanto forma aqueles que se projetam na vida intelectual do Brasil e do mundo, quanto os "soldados desconhecidos" do trabalho profissional.

Reverendo hoje o caminho percorrido, vejo que foi de certo modo surpreendente que os estudos sobre Educação tenham encontrado seu rumo no contexto tradicional do ensino superior do país. Não foi sem lutas e conflitos, mas com uma crescente consciência de suas responsabilidades sociais e políticas.

A NOVA INSTITUIÇÃO DA USP: A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS E A EDUCAÇÃO

O Decreto de criação da Universidade de São Paulo foi assinado pelo Governador do Estado, Dr. Armando de Salles Oliveira, em 25 de janeiro de 1934. Constava, a USP, como é do conhecimento comum, de uma reunião de Faculdades e Escolas tradicionais, além de vários institutos anexos e complementares. Uma só instituição, como já disse, era absolutamente nova: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Sua vocação pedagógica ficou marcada, desde essa ocasião, pelo propósito da formação de professores para o ensino secundário, até então auto-didatas. Para que pudesse cumprir esse objetivo, foi-lhe anexado o Instituto de Educação da Escola Caetano de Campos.

A nova Universidade no mesmo ano teve aprovados os seus Estatutos, mas não dispunha de outra base física senão a de seus tradicionais componentes. Surgia cheia de esperanças mas também de problemas - e um deles era a localização daquela escola que daqui em diante chamarei como era comum: a "Filosofia". Alguns a chamam da "velha" Filosofia. Mas

isso não é certo. Como dizia Brunschwicq, os que consideramos antigos é que eram novos, eram a infância inexperiente da Humanidade. Nós (os contemporâneos) moços ou idosos, já carregamos o peso das experiências legadas pelos nossos antepassados: somos os antigos.

Sendo a única escola sem domicílio, passou muitos anos de vida cigana, como hóspede (da Escola de Comércio Álvares Penteado, da Faculdade de Medicina e da Escola Politécnica) ou ocupando prédios alugados dos quais poucos se lembram e nos quais as diferentes seções tinham vidas separadas (Rua Alfredo Ellis, Av. Brigadeiro Luiz Antonio, Rua da Consolação, Rua São Luiz, entre outras). Lembro-me, especialmente, do belo palacete da Alameda Gleite, nº 463, onde ficavam sediadas a parte administrativa e várias seções da Faculdade, no final dos anos trinta. Foi nesse prédio que entrei como aluna. Podia-se no mesmo dia encontrar diferentes atividades. Num dos aposentos de andares superiores, o Prof. Dreyfus e seus assistentes, fazendo suas experiências de genética. Num grande sótão, com um calor sufocante, o Prof. Pierre Monbeig, dirigindo a turma da qual eu participava, em trabalhos práticos de cartografia. Mas o grande salão do andar térreo era muitas vezes ocupado por conferências dos mestres franceses ou italianos. Nele, o Prof. Picarollo, por exemplo, era ouvido por intelectuais e por senhoras da sociedade.

Antes da mudança para a Rua Maria Antonia, houve o período da Escola Normal da Praça, a Escola Caetano de Campos, a mesma que tivera extinto o seu Instituto de Educação, anexado durante alguns anos à Faculdade. Para lá mudou-se novamente o centro administrativo da Faculdade e uma parte de suas seções, sobretudo as ciências humanas, por volta de 1938. Outros cursos continuavam espalhados nos quatro cantos da cidade. Foi uma permanência de perto de dez anos, no terceiro andar do Prédio no qual hoje estão instaladas a Secretaria da Educação do Estado e o Conselho Estadual de Educação.

A Faculdade de Filosofia organizou seus cursos de Pedagogia e de Licenciatura à custa de Professores do Instituto de Educação. Esse grupo, que já constituía uma ponta de lança no pensamento educacional paulista, teve a incumbência de elevar ao nível do terceiro grau as diferentes áreas da Educação. A esses professores homenagem, lembrando a pessoa do Prof. Onofre de Arruda Penteado Júnior, um leitor infatigável na área de Educação e Filosofia, um grande debatedor de idéias, mas que como professor de Didática, tinha sempre em vista a prática pedagógica renovadora. Com ele vieram D. Noemi da Silveira Rudolfer e os Professores Roldão Lopes de Barros, Milton Rodrigues e Fernando Azevedo, mais tarde seguidos por outros. Foram os formadores das primeiras turmas de "Pedagogos".

Na escola da "Praça", como se dizia então, a proximidade da Escola Normal situada nos dois andares abaixo da Faculdade deveria ser muito favorável à Educação. Eu diria, no entanto, que na época tanto os universitários eram elementos estranhos no contexto do ensino primário e médio, quanto os problemas escolares eram estranhos aos escalões superiores da ciência. Mas o panorama começava a mudar e os estudos pedagógicos, pacientemente, procuravam seu lugar ao sol.

Ao contrário, pois, do que os jovens de hoje parecem supor, a "velha Filosofia" não nasceu na rua Maria Antonia. Mudou-se para lá em 1949, já na sua fase adolescente, com perto de quinze anos e lá faria o seu aprendizado da maturidade. Permaneceu no mesmo local durante duas décadas, até sua transferência para as novas instalações da cidade universitária.

Nesse período foram ampliadas as responsabilidades dos cursos de Educação, pois o Colégio de Aplicação iniciou suas atividades no final dos anos cinquenta. Era a consolidação de um compromisso da Faculdade de Filosofia, especialmente dos seus cursos de licenciatura, com a realidade escolar, era a concretização de sua firme vontade de aliar o pensamento pedagógico e a ação educativa.

Mas a "era da Maria Antonia" terminou com os anos 60. Os últimos cursos dela se despediram quando os graves acontecimentos de 1968/1969 tornaram impossível a permanência no prédio do centro. A "velha Filosofia" sofrera ainda outro golpe: fora atingida pela reforma universitária. Agrupadas ficaram a Filosofia, as Ciências Humanas e as Letras e as demais seções constituíram os Institutos e Faculdades de hoje, alguns dos quais - sobretudo os da área de Ciências Físicas, Químicas e Biológicas - já se haviam instalado no campus universitário.

E A CIDADE UNIVERSITÁRIA?

Essa foi a resultante dos esforços do Reitor Jorge Americano, que enfrentou o problema, no início dos anos quarenta. Em sua gestão foi localizada a área da futura Cidade Universitária, foram feitas as desapropriações que se impunham e a compra, pelo Governo Fernando Costa, dos terrenos necessários. A partir dessas providências foi projetado o conjunto de prédios e a idéia foi difundida por meio de conferências feitas por especialistas.

O Reitor empenhou-se de corpo e alma nesse projeto, que, no entanto, ultrapassava à mera questão da base física da USP. Na verdade, era a transposição concreta dos ideais da unidade e da autonomia da Universidade. Não posso deixar, por entendê-las extremamente oportunas, de citar algumas palavras de Jorge Americano, a respeito dos desentendimentos da época entre governo do Estado e Reitoria:

"Aí temos, patente, com todos os seus inconvenientes, o erro de concepção de considerar-se o cargo de reitor de confiança do governo e não de confiança da Universidade que o deveria eleger." (p. 191 - J. Americano - "A Universidade de São Paulo).

Pois é bem recente o procedimento que veio a tornar de confiança plena da Universidade, o ocupante de seu mais alto cargo.

O Reitor dos anos quarenta manifestava, ainda, quanto ao problema pedagógico do ensino superior, uma posição pelo menos desusada, diante do tradicionalismo da época. Pois disse em uma aula inaugural de cursos superiores:

"É professor e verdadeiramente tal, o que puder, nos discípulos, criar o hábito do raciocínio e ampliar as faculdades críticas, despertar o amor pela cultura e as faculdades criadoras." (p. 26 - "Alguns aspectos do problema universitário" - 1942)

É assim que os encontros da vida às vezes deixam marcas muito profundas em nós. Sobretudo quando se trata de personalidades que de algum modo tem o dom de nos tornar melhores, mais lúcidos, mais capazes. E, no caso presente, cuja contribuição à Universidade não pode ser esquecida. Tenho mais alguns exemplos, além dos já citados.

Se alguém quiser escolher uma só pessoa para simbolizar o espírito da Rua Maria Antonia, certamente a encontrará na figura do Prof. Eurípedes Simões de Paula, seu Diretor por mais de uma vez. Pesquisador respeitado, a abertura de novos rumos à cultura humanista caracterizou sua obra. Mas é lembrado, especialmente, por sua infinita bondade, incrível paciência e disponibilidade, no exercício do mais democrático respeito às pessoas e suas idéias.

Na Educação, já nos anos setenta, devemos lembrar o Prof. Laerte Ramos de Carvalho, o organizador da Faculdade de Educação, impulsionador dos estudos de História da Educação, profundo conhecedor dos problemas contemporâneos e um lutador na arena pedagógica. E o nosso caro Professor José Querino Ribeiro, educador que teve todas as experiências em Educação, da escola primária à universidade, uma inteligência ágil que fez avançar os estudos de Administração Escolar, um administrador íntegro, cujo espírito crítico se mesclava de bom humor. Perdemos muito cedo outros colaboradores. Se não posso nomeá-los todos, desejo lembrá-los, citando um só nome, o de nossa colega Gilda César Nogueira de Lima, a entusiasta do trabalho em grupo, a inovadora que não recuava diante de nenhum desafio em Educação.

A DÉCADA DE 30 E OS PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO: UMA VOLTA ATRÁS.

Volto ao problema proposto: como, no meio das lutas que cercaram as primeiras décadas da nova Universidade, vão emergindo os estudos pedagógicos, embora carregando os

preconceitos contemporâneos. Curiosamente, o primeiro nome que havia sido proposto para a nova Faculdade integrante das Universidades brasileiras, era "Faculdade de Educação, Ciências e Letras". Não encontrei justificativas para a troca: Filosofia, Ciências e Letras. Será porque deveria ser uma escola de "altos estudos" e até a ocasião os estudos pedagógicos eram realizados em escola de nível médio? Porque formar professores era tarefa de escolas normais? Porque a população dessas escolas era predominantemente feminina?

Na verdade, as Faculdades de Filosofia sofriam, elas próprias, de certo antagonismo por parte das Escolas tradicionais. Muitas vezes ouvíamos a pergunta feita a modo irônico: "você são a cúpula da sabedoria, não é?"

E, no entanto, a educação no Brasil começava a constituir objeto da discussão de intelectuais, aglutinando pessoas de prestígio e capacidade. Apenas para lembrar, enumero algumas das realizações pedagógicas dos anos 30 que sugerem um despertar do país para o problema da educação.

Do ponto de vista político, o Ministério da Educação e Saúde Pública foi criado em 1931. Ao mesmo tempo instala-se o Conselho Nacional de Educação, posteriormente substituído pelo Conselho Federal de Educação, por decisão da LDB de 1961. Politicamente, o modelo da época era a centralização das decisões, mas os recursos para a educação eram, de certo modo, facilitados, já que havia necessidade de preparo dos jovens para a melhoria da situação das forças produtivas.

E mais: o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado pelos educadores de maior renome - no discurso e em suas atividades - é de 1931. Considerando-se o contexto autoritário da época, o esforço modernizador, que seguia o ideário escolanovista, marcava uma posição que abrangia o problema social e o técnico, embora tímido do ponto de vista político. A primeira Conferência Nacional de Educação (1927) tem grande repercussão e os estudos e a ação pedagógica contam com figuras do porte de Lourenço Filho e de Anísio Teixeira.

São empreendidas reformas em todos os graus de ensino, incluindo o Estatuto das Universidades Brasileiras (1931).

Algumas revistas de educação aparecem, embora com vida efêmera, inclusive a publicada pela Associação Brasileira de Educação, entidade nova, conquista dos "Pioneiros" de 1931. Só em 1937 surge a instituição que teria grande papel na pesquisa educacional brasileira - o Instituto Nacional de Pedagogia - logo após denominado Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (o INEP), com o objetivo de realizar estudos, pesquisas e demonstrações educacionais. Em 1938 adota o nome que o caracteriza até hoje, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Segue-se na década de 40 a instalação dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais em São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Seu desígnio: planos e sugestões para a revisão e reconstrução educacional no país. O Centro de S. Paulo foi instalado nos anos pioneiros da USP, em terrenos da Cidade Universi-

tária e partes do seu prédio inicial ainda aqui estão, ao nosso lado. Quando os cursos de Pedagogia e Licenciatura aglutinados provisoriamente em Departamento de Educação vieram para a Cidade Universitária, foi em sua sede que foram instalados. Somente agora, há poucos anos atrás, a Faculdade de Educação, pelo conjunto de construções e reformas empreendidas, tem a sua própria sede. De vários modos, entretanto, o CRPE de São Paulo foi um colaborador constante da Faculdade de Educação.

Voltando ao meu relato, desejo reafirmar que os estudos pedagógicos na década de 30, no Brasil, já se encontravam bastante desenvolvidos, e vão servir de embasamento ao seu ingresso no ensino superior.

Havia um esforço de modernização e uma recusa ao "tradicional" em educação. Esforço insuficiente, é certo, mas novo, inédito. Num país de analfabetos, surgiam notáveis avanços no pensamento, embora a prática não tenha sido atingida senão muito mais tarde. A pesquisa incipiente é mais sociológica e quantitativa, as reformas do ensino são tentadas, mas a força do passado na prática escolar era um peso que trabalhava no sentido contrário ao da modernização.

A EDUCAÇÃO ALCANÇA UM LUGAR AO SOL NO ENSINO SUPERIOR.

Uma parada para refletir. Ao final dos anos 60 seguramente a "Filosofia" havia conquistado seu lugar, na universidade, na sociedade civil, nos círculos científicos e com ela a Educação. Ocorreu a separação daquele conjunto constituído pelas várias seções da Faculdade que provinha dos anos trinta. Havia uma unidade, talvez forçada, mas a separação, também o foi. A dissolução da "Filosofia" pode ser interpretada como o momento no qual a rede invisível que mantinha unidas as diferentes seções, torna-se apertada demais para conter o desenvolvimento de cada uma. Na ocasião, foi melancólico o múltiplo divórcio. Especialmente porque outros e graves acontecimentos precipitaram a mudança para a Cidade Universitária.

A Filosofia havia desenvolvido engajamentos políticos, que substituíam, nos anos sessenta, a platônica defesa da democracia ocidental e o horror ao nazi-fascismo que a tinham caracterizado nos anos de guerra. A ruptura de um longo período de hibernação desenvolveu lideranças e conflitos e a ação se radicalizou. Aliás, já disse Antonio Cândido que a Faculdade de Filosofia, desde a sua fundação, havia sido um "fermento de radicalização intelectual" no quadro do ensino superior de São Paulo. Assim, o movimento de 68 não seria mais do que o apogeu de um processo de revisionismo para a entrada na modernidade.

A instalação na Cidade Universitária, a constituição da Faculdade de Educação, a organização dos cursos de Pós Graduação, estão presentes na memória de todos, e deverei

relembra-los, somente de passagem, sobretudo porque ao término desta exposição que já vai ficando muito longa, eu gostaria de partilhar com os caros colegas e amigos algumas reflexões sobre o que ocorre hoje na área das disciplinas pedagógicas.

Especialistas em Educação têm verificado o que denominam de "esgotamento do ciclo histórico de desenvolvimento educacional iniciado nos anos trinta" (Gusso, "Em Aberto", n. 59, p.8). A expressão confirma o desenvolvimento positivo da época apontada, mas o mesmo autor acusa a "inconsistência e pouca efetividade da prática educacional concomitante".

Sim, talvez se tenha esgotado a primeira etapa do pensamento educacional brasileiro. Entendo, porém, que a partir dos anos setenta um novo ciclo de desenvolvimento educacional teve lugar, preparado pela abertura dos cursos de Pós-graduação em Educação - a conquista de mais um nível de ensino - e o resultante esforço de pesquisa, que vai explodir na década seguinte. Nesse empreendimento a USP não mais está isolada, mas vai ter a companhia das mais novas Universidades Estaduais e das Universidades Católicas, as "PUCs". A produção de novos conhecimentos pedagógicos vai se desprendendo dos velhos padrões, para expandir-se e tornar-se original e inicia-se entre as Instituições um proveitoso intercâmbio. Por outro lado, os organismos oficiais financiadores de pesquisa, que se desenvolvem a partir da década dos anos cinquenta, após algum tempo de resistência, passam a acolher a Educação entre os temas que recebem apoio. Entre as características dessa nova fase, liderada pelos cursos superiores de Educação, nota-se a evolução da própria metodologia de pesquisa, tornando-a mais adequada ao seu objetivo, numa configuração, muitas vezes, interdisciplinar. Por outro lado, a atenção ao contexto social, a interpretação política dos fatos educacionais e a busca de justiça sócio-educacional, tornam a pesquisa mais realista e útil. Mas é certo, também, que há uma ampla troca de informações, em Congressos, Simpósios e outras modalidades de debates conjuntos, embora ainda não se tenha alcançado, a meu ver, uma plena circulação da produção pedagógica brasileira, em todo o território nacional.

O mesmo drama do ciclo anterior corre o risco de prejudicar o atual: a prática, o aperfeiçoamento da educação escolar, a ampliação, a expansão da boa escola, estão muito aquém do que seria necessário. São frutos de verdadeiros heróis que atuam em ilhas de desenvolvimento educacional.

Entender a situação, do ponto de vista das ciências pedagógicas, nos remete à eterna tensão a teoria e a prática, numa área na qual o saber pelo saber tende a ser considerado como ilegítimo. E, no entanto, independente de qualquer aplicação, a pesquisa encontra em si mesma a justificativa correspondente à eterna vontade de saber do homem. Mas, no caso, existem certas variantes.

Observa-se que a área educacional, enquanto oscilou entre duas vertentes extremas, a exclusivamente filosófica e a estritamente pragmática, manteve-se incapaz de orientar a ação. É possível que no afã de responder às questões axiológicas, a prática deixe de ser focalizada. Por outro lado, a necessidade de providências imediatas, da elaboração de técni-

cas, da manipulação de materiais, do cotidiano da educação familiar e do ensino escolar, pode isolar a ação do pensamento.

Entre as duas faces do problema, só a pesquisa pode constituir a fórmula adequada para que as teorias sejam postas à prova da realidade. Mas acredito que se requer, em cada caso, uma análise dos problemas epistemológicos envolvidos, ou seja, uma análise da natureza dos fatos com os quais lidamos todos os dias, e que por força desse convívio vêm seu pleno significado obscurecido. Só um exemplo, na área de minha predileção, a Didática. O que está em questão, para mim, é o problema crítico: é possível o conhecimento didático? É possível conhecer o ensino, ou melhor, a ação de ensinar? Pois essas questões e a busca de resposta a elas poderá encaminhar o esclarecimento de outra dúvida que aflige os professores de Didática todos os dias: posso ensinar alguém a ensinar? A história nos acena com duas posições extremas: Comênio, o antepassado espiritual de todos os professores de Didática, acreditava dispor do segredo de ensinar tudo a todos, do modo mais fácil, rápido e agradável. Já, bem mais perto de nós na História, Carl Rogers, considera-se incapaz de ensinar quem quer que seja, o que conduz à impossibilidade multiplicada de ensinar a ensinar.

O problema é desafiador e vem sendo tema de reflexão e discussão. Só o coloco como exemplo de que o objeto dos estudos pedagógicos é complexo e fugidio. Desenrola-se no tempo, é uma ação interpessoal, mas é também essencialmente coletivo, social e político. E, sobretudo, tem um profundo vínculo com o problema moral e, portanto, com a justiça.

